

**A NAÇÃO BRASILEIRA NO CATÁLOGO DA
EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRASIL (1882) DA BIBLIOTECA NACIONAL**

**THE BRAZILIAN NATION IN THE CATALOG OF THE BRAZILIAN HISTORY
EXHIBITION (1882) AT THE NATIONAL LIBRARY**

Marcelo Augusto Mendonça Domingues¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as concepções de nação brasileira a partir do Catálogo da Exposição de História do Brasil (1882) da Biblioteca Nacional. A referida exposição foi um evento organizado em 1881 por Ramiz Galvão, então diretor da Biblioteca Nacional, e contou com a exibição de diversos documentos, objetos e obras de arte que narravam a história do Brasil até aquele momento. A produção de tal catálogo foi uma forma não somente de inventariar os materiais expostos, como também de apontar como esses materiais contavam a história da recente nação tropical. Desta forma, acreditamos que esse catálogo, para além de uma organização e representação dos materiais exibidos, foi uma maneira de construir um discurso sobre essa história, como ela deveria ser contada e por quem seria contada.

Palavras-chave: História do Brasil; catálogo; exposição de História do Brasil; Biblioteca Nacional (Brasil).

Abstract

The present work aims to reflect on the conceptions of the Brazilian nation based on the Catalog of the Brazilian History Exhibition (1882) of the National Library. The aforementioned exhibition was an event organized in 1881 by Ramiz Galvão, then director of the National Library, and featured the display of various documents, objects and works of art that narrated the history of Brazil up to that time. The production of such a catalog was a way not only to inventory the materials on display, but also to point out how these materials told the history of the recent tropical nation. In this way, we believe

¹ Marcelo Domingues é doutorando pelo PPGH/UERJ onde desenvolve tese sobre Bibliotecas Populares na província do Rio de Janeiro entre 1871 e 1889. Tem interesse e desenvolve trabalhos na área de História do Livro, das Bibliotecas e da Leitura.

that this catalogue, in addition to organizing and representing the materials displayed, was a way of constructing a discourse about this story, how it should be told and by whom it would be told.

Keywords: History of Brazil; Catalog; Brazilian History Exhibition; National Library (Brazil).

Introdução

Quando falamos em romantismo brasileiro, observamos um movimento artístico e intelectual interessado em pensar em um grande projeto de Brasil, por sua vez, baseado em um projeto de ocidentalização² (Rodrigues, 2022). Percebemos, então, a relação que o movimento romântico possui com a questão da Nação, visto que, no Brasil, isso coincide com a sua independência (Rouanet, 1999). Por conseguinte, esse movimento foi, também, uma oportunidade de refletir sobre a emancipação política e cultural nacional (Ricupero, 2004). Nesse sentido, ressaltamos que a ideia de nação perpassa, assim, pela noção da construção de elementos culturais e intelectuais próprios, de forma que “[...] a elite intelectual do Segundo Reinado, impregnada das idéias românticas, considera que para existir nação é preciso que haja literatura e historiografia brasileiras” (Ricupero, 2004, p. 86).

Se o romantismo utilizou a história como elemento fundamental em sua concepção de mundo (Barros, 1986), também é verdade que, “no caso específico de uma História Nacional, selecionam-se os episódios que permitam – ou deem essa impressão – que se acompanhe o crescimento dessa Nação, desde o seu nascimento, ou, [...], desde as suas origens ou a sua fundação” (Rouanet, 1999, p. 19). Desta forma, podemos pensar na história nacional como um elemento aglutinador da população, uma forma de construir um componente que seja comum. Em outras palavras, a história nacional pode ser elaborada como uma trajetória de modo que sejam elencados eventos, espaços e heróis que sintetizem, e que unam um povo, que suscitem um sentimento de pertencimento a um grupo social maior que suas pequenas comunidades.

² Segundo Huntington (1996), em suma, a *ocidentalização* seria uma integração entre a modernidade e o Ocidente. Nesse sentido, ao absorver elementos da cultura ocidental, o Brasil, enquanto nação, estaria caminhando em direção ao progresso e desenvolvimento. Pensar o Brasil – ou o projeto de Brasil -, naquele momento, como parte de um projeto/processo de ocidentalização, é entender que a própria concepção de nação que se pretendia construir passava pelas instâncias de progresso e desenvolvimento, visando inserir o país no rol de nações civilizadas.

Foi com a proposta de pensar sobre a história nacional, e apresentá-la aos cidadãos brasileiros que Ramiz Galvão, então diretor da Biblioteca Nacional entre 1870 e 1882, organizou a *Exposição de História do Brasil* na referida instituição. No presente trabalho, contextualizaremos essa exposição e a confecção do *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, e refletiremos sobre a nação brasileira a partir deste instrumento, um importante documento para ponderarmos sobre qual era a visão de Brasil vigente naquele momento (inícios da década de 1880). Isso é, por meio do catálogo citado, pretendemos compreender qual era a visão da nação que se propagou na época. As fontes utilizadas, ressaltamos, foram analisadas tendo como embasamento a História do Livro e das Bibliotecas, que dialoga intrinsecamente com a catalogação e sua história. Assim, ao examinarmos o catálogo supracitado, principal fonte deste trabalho, o consideramos ferramenta de representação de um acervo que esteve sob a guarda de uma importante instituição brasileira. O catálogo, nesse sentido, foi também a maneira de propagar uma visão tanto do acervo exposto, como de uma ideia.

Romantismo brasileiro e a ideia de nação

O Romantismo foi um evento sociocultural que indicou um afloramento histórico. Em sua conjuntura, esse movimento identificou a relevância que a memória de acontecimentos sociais têm para a consciência humana (Guinsburg, 1985). Desta maneira, “[...] o Romantismo, na sua propensão *historicizante*, aglutina as sociedades em mundos, comunidades, nações, raças, que têm antes culturas do que civilizações, que suscitam uma individualidade peculiar, uma identidade, não de cada indivíduo, mas do grupo específico, diferenciados de quaisquer outros” (Guinsburg, 1985, p. 15). Aliás, o Romantismo tem como algumas de suas características “[...] a valorização da originalidade, da visão pessoal, das diferenças entre as nações” (Leite, 2002, p. 216). Em vista disso, é como se, ao fundar uma tal consciência, o Romantismo respaldasse a criação da ideia de nação.

Se considerarmos que o Romantismo brasileiro surge por volta da década de 1830, também é possível refletir que parte desse movimento “[...] foi vivida num ambiente de entusiasmo pela vida nacional, de confiança no futuro do jovem país, de celebração de sua natureza [...]” (Leite, 2002, p. 219). Assim como ocorreu em outros contextos, no Brasil o romantismo foi um momento de refletir sobre a nação.

O contexto romântico brasileiro

Quando falamos de literatura brasileira, há dois movimentos que “vitalizam toda a inteligência”: o Romantismo, no século XIX, e o Modernismo, no século XX (Candido, 2006, p. 119). Tanto um quanto outro, cada um à sua forma, pensavam na “construção de uma nação moderna e soberana” (Figueiredo, 2000, p. 91-92). Nos interessa aqui, dado nosso escopo, tratar do primeiro – seu contexto e algumas características.

Em se tratando de Romantismo, seu cuidado residia em expressar a singularidade dos grupos humanos, em especial aqueles que haviam sido reconhecidos como nação há pouco tempo (Ricupero, 2004). O caso brasileiro não se afastou de tal questionamento, pelo contrário: os românticos da ex-colônia portuguesa buscavam formas de estabelecer as particularidades da recente nação, ao mesmo tempo que necessitavam separar a história brasileira daquela da antiga metrópole – por mais que essas histórias se encontrassem, o Brasil tinha uma história própria.

Logo, “como em todos os países empenhados então na independência política, o Romantismo foi no Brasil um vigoroso esforço de afirmação nacional: tanto mais quanto se tratava aqui, também, da construção de uma consciência literária” (Candido, 2006, p. 123). Não podemos, assim, analisar um movimento puramente empenhado em situar literariamente o país. Antes, refletir sobre o romantismo brasileiro significa, também, percebermos um movimento artístico e intelectual que igualmente foi político, na medida em que pretendeu pensar sobre nação, bem como seus elementos constituidores.

Tanto na conjuntura europeia quanto na brasileira, a narrativa romântica primava por legitimar o Estado nacional, de forma a conceber explicações a respeito do passado histórico daqueles que habitavam o território, assim como interpretar os acontecimentos de modo a atribuir níveis de importância a eles – a construção de uma memória e tradição da nação (Figueiredo, 2000). Pensemos ainda que “no Brasil, inventar a tradição significava contornar condições incômodas da maneira como nos inserimos na modernidade e da própria situação do país de passado colonial recente” (Figueiredo, 2000, p. 93).

Na segunda metade do século XIX, no contexto romântico brasileiro, surgiu um grupo que ficou conhecido como a *geração de 1870*. Como grupo heterogêneo, esse conjunto de pensadores buscava, por meio de sua produção intelectual entender, esclarecer e apresentar a nacionalidade brasileira, posto que sua análise do Brasil passava, antes, por uma avaliação das relações da ex-colônia com sua antiga metrópole (Mota, 2013). Isto é, por meio de sua produção crítica, essa geração pensava uma tradição mais ampla – que incluía, inclusive, o período colonial. Vale ressaltar que “[...] alguns traços

recorrentes do pensamento dessa geração: a preocupação com a origem da nacionalidade e o critério étnico para explicá-la” (Mota, 2013, p. 7).

Elaborando sobre a questão da Nação

Formulemos algumas observações. A primeira delas diz respeito ao conceito de nação. O termo surge no contexto da Revolução Francesa, ainda que seu uso admitisse mais de um significado; além de aparecer no romantismo alemão como forma de expressão linguístico-cultural (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998). Ressaltamos, também, o papel da Revolução Industrial nesse processo, uma vez que o desenvolvimento dos sistemas de produção por ela provocado “[...] criou mercados de dimensões ‘nacionais’, ampliou conseqüentemente os horizontes da vida cotidiana de camadas cada vez mais amplas da população e ligou ao Estado um conjunto de comportamentos econômicos, políticos, administrativos, jurídicos que, na fase anterior, eram totalmente independentes (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p. 798).

À segunda observação cabe entendermos que uma nação é uma comunidade construída artificialmente, nas palavras de Anderson (2013), uma nação é uma comunidade imaginada. Um dos motivos que o autor aponta em seu argumento, é que há a imagem de uma comunhão entre os membros de uma nação, muito embora cada um desses membros não conheça todos os outros; há entre eles um sentimento de pertencimento. Além disso, Anderson (2013) aponta que uma nação pode ser entendida sob a ótica tanto das práticas culturais como das administrativas. Termos em mente que uma nação é uma produção artificial ou imaginada, significa percebermos que os elementos que a constituem não nasceram naturalmente, de forma espontânea, antes, foram engendrados politicamente.

Lembramos que, muitas vezes, uma nação é estabelecida a partir de um grupo dominante, onde tal grupo utiliza de elementos específicos de sua cultura como forma de unir território e Estado (Weber, 1994 *apud* Silva; Silva, 2009). Sob esta ótica, “a Nação, em seu significado mais simples, é uma comunidade humana, estabelecida neste determinado território, com unidade étnica, histórica, linguística, religiosa e/ou econômica” (Silva; Silva, 2009. p. 308). Assim, “normalmente a Nação é concebida como um grupo de pessoas unidas por laços naturais e, portanto, eternos – [...] – e que, por causa desses laços, se torna a base necessária para a organização do poder sob a forma de Estado nacional” (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p. 796).

Também podemos depreender do conceito de Nação sua forma de concepção: laços naturais; pessoa coletiva ou organismo; modos de viver. Comumente associada à raça, a primeira diz respeito à formação da Nação por meio de grupos de pessoas – nem sempre com limites bem definidos. Já a segunda, concerne aos elementos comuns aos grupos (como a língua, a religião, os costumes, o território). Por fim, a terceira relaciona-se com a maneira que esses grupos – que possuem laços e que podem ter características comuns – estabelecem formas de viver (neles mesmos e entre eles e outros grupos) (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998).

A Nação ainda deve ser considerada como a ideologia de um tipo de Estado. Sob esta ótica, a ideia de Nação possui uma função: “criar e manter um comportamento de fidelidade dos cidadãos em relação ao Estado” (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p. 797). Sentimento esse que pode ser criado tanto pela “extensão forçada de conteúdos da nacionalidade espontânea”, quanto pela falsa ideia de que alguns desses conteúdos são comuns a todos (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p. 797). Essa ideia de nação engendrada pelo Estado, sublinhamos, é uma construção artificial, na medida em que se apresenta como uma ideia de nação construída de cima para baixo, a partir da perspectiva estatal e regulada por este mesmo Estado – e não partindo do imaginário da população.

Ramiz Galvão e a Biblioteca Nacional

Benjamin Franklin Ramiz Galvão nasceu em 1846 na província do Rio Grande do Sul. Formou-se bacharel em letras pelo Colégio Pedro II e em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sócio fundador do Instituto dos Bacharéis em Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi nomeado bibliotecário da Biblioteca Nacional (BN) em 1870, e preceptor dos príncipes, filhos da Princesa Isabel, em 1882. Publicou: “Do valor terapêutico do calomelano”, “O calor, a luz, o magnetismo e a eletricidade”, dentre outros. Como bibliotecário da Biblioteca Nacional, dirigiu a publicação dos *Anais da Biblioteca Nacional* entre 1876 e 1881 e o *Catálogo da Exposição de História do Brasil* em 1882 (Blake, 1893).

A trajetória de Ramiz Galvão teve a reformulação da Biblioteca Nacional como ponto central de seu percurso biográfico. Tal reorganização teve dois sentidos: um voltado às mudanças cotidianas e de funcionamento institucional (oferta de serviços), outro direcionado a transformar a BN em local de estudos em consonância com a intelectualidade da (Caldeira, 2013). Ambos os sentidos se conectam se pensarmos que para haver usos e usuários de biblioteca é necessário que os serviços oferecidos estejam

estruturados. Por exemplo: Galvão buscou aumentar o acervo da BN com documentos diversos sobre história do Brasil, ao mesmo tempo em que tentou divulgar esse acervo (Caldeira, 2013) – seja com a publicação dos *Anais da Biblioteca Nacional* ou mesmo a publicação do *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, que falaremos mais adiante. Essas ações, em certa medida, só foram possibilitadas uma vez que houve a estruturação dos serviços a serem oferecidos. Podemos supor que, ao gerenciar tal instituição, Galvão estimulou sua equipe a pensar em que serviços poderiam ser ofertados e como fariam para que o fossem.

Refletir sobre a gestão de Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional, significa entendermos que foi durante sua gestão que a BN foi reformulada de maneira a transformar-se em uma biblioteca da nação brasileira (Caldeira, 2013). Neste sentido, isso poderia significar tanto ser uma biblioteca mais próxima dos usuários (dispondo de mais serviços ou com o aprimoramento daqueles já existentes), quanto com um acervo que representasse melhor a nação (salvaguardando documentos diversos sobre o Brasil).

Cabe ressaltar que durante os 12 anos da gestão de Ramiz Galvão a Biblioteca Nacional se desenvolveu, seja no aumento do número de usuários (inclusive por conta da ampliação do horário de funcionamento), seja pelas melhorias estruturais, ou mesmo a partir do seu fortalecimento como instituição de memória da nação (Caldeira, 2010).

A Exposição de História do Brasil e seu catálogo

As diversas exposições promovidas durante o Império brasileiro tinham como objetivo, de certa forma, apresentar o Estado e criar uma imagem pública tanto para autoconhecimento da população, quanto para mostrar que a nação se aproximava dos ideais de civilização e progresso da época (Turazzi, 2006). É nesse contexto que, em finais dos oitocentos, várias instituições e intelectuais brasileiros elaboraram projetos nacionais com o intuito de modernizar os principais ambientes de saber do Império. Projetos que, por sua vez, foram tocados por intelectuais como Ramiz Galvão (Caldeira, 2017). Como já mencionado, a modernização da Biblioteca Nacional engendrada por ele dizia respeito aos seus serviços, acervo e maior abertura aos eruditos da época.

Galvão buscou reunir documentos, constituindo coleções, de modo a tornar a instituição sob sua direção um espaço útil aos letrados da Corte. Em vista disso, ele “[...] atuou não só na organização que conferiu significado ao acervo existente na Biblioteca, como também na definição e patrimonialização dos documentos tidos por indispensáveis para o estudo da história da pátria” (Caldeira; Macedo, 2017, p. 46). No contexto da época

(décadas de 1870 e 1880), tais ações simbolizavam a modernidade dos estudos históricos no país (Caldeira; Macedo, 2017).

A *Exposição de História do Brasil*, ocorreu nessa conjuntura, de tentativa de construção de uma nação moderna, ocidental, na parte sul do continente americano. O romantismo, nessa perspectiva, se inseriu como uma ferramenta de construção imagética nessa recente nação tropical, tentando encontrar elementos que, ao mesmo tempo, singularizasse essa nação e a colocasse em patamar semelhante a outras.

Um evento dessa magnitude já vinha sendo pensado desde a década de 1870 e encontrou em Ramiz Galvão a oportunidade de sair do papel (Turazzi, 2006). Assim, por meio do Aviso de 27 de setembro de 1880, a *Exposição* foi autorizada. Em 21 de dezembro do mesmo ano, um outro aviso dava conta de instituir uma comissão que foi dividida em 5 seções temáticas: Geografia; História Civil, Eclesiástica e Militar; História Natural, Etnografia e Linguística; História Econômica; História Literária e das Artes. Os integrantes dessa comissão, cada um em sua seção, deveriam analisar os assuntos submetidos para a realização das conferências que, a princípio, também fariam parte do evento (Brasil, 1882).

Sua realização visava apresentar ao público diversos documentos sobre a história e geografia do Brasil, tanto aqueles já parte do acervo da Biblioteca Nacional, quanto aqueles que estavam nas mãos de particulares ou compunham os acervos de outras organizações. Para sua execução, Ramiz Galvão pediu que particulares, instituições diversas, assim como governos das províncias enviassem documentos históricos à Biblioteca Nacional (Caldeira, 2013). Embora diversas províncias tenham ignorado o pedido do bibliotecário, muito material foi remetido à instituição para compor a exposição – e parte do que foi emprestado passou a figurar em seu acervo após o evento (Caldeira, 2010). Desta forma,

Planejada para ser uma exposição de dimensões extraordinárias, várias pessoas e instituições fizeram doações ou empréstimos de obras à Biblioteca. Destacam-se o barão Homem de Mello, conselheiro do Império; d. Francisco de Assis Mascarenhas; dr. Ladislau Neto; dr. F. A. Pimenta Bueno; o senador Cândido Mendes de Almeida, conde de Baependi; o Mosteiro de São Bento; o Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano e o Gabinete Português de Leitura, entre outros (Amadeo; Kury, 2014, *online*)

Em 2 de dezembro de 1881, com a presença do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina, foi inaugurada a *Exposição*. Apesar das condições em que se encontrava a Biblioteca Nacional, graças ao empenho de Ramiz Galvão e dos demais funcionários, a

exposição foi bem sucedida – inclusive tanto o bibliotecário como os outros funcionários receberam diferentes graus da Ordem da Rosa (Brasil, 1882), dada a relevância dos serviços prestados com o referido evento.

Ramiz Galvão também recebeu elogios de periódicos da época. A *Revista Ilustrada* de 10 de dezembro de 1881, publicou nota dizendo que a imensa exposição com variados documentos da história do Brasil foi um importante serviço prestado às Letras e à História brasileira, que deveria ser apreciado (Chronicas..., 1881). O *Globo Ilustrado* de 18 de dezembro de 1881, por sua vez, chamou de ideia patriótica e lamentou que parte dos itens expostos tivesse que voltar às mãos de seus possuidores (Chronica..., 1881). Já o periódico *A Estação* de 15 de dezembro de 1881, exaltou o patriotismo de Ramiz Galvão dizendo que ele era a alma da Biblioteca Nacional e relatou que a exposição não se tratava somente de livros, mas que ela continha também outros itens, como pinturas (A Cidade..., 1881). A *Gazeta de Notícias* de 3 de dezembro de 1881, informou que “a impressão de quem visita a exposição é das mais agradáveis. Especialmente no tocante aos subsídios para a história do Brasil, há ali verdadeiras revelações mesmo para os mais lidos e sabidos” (Exposição..., 1881). Vemos, então, como a exposição organizada pelo diretor da Biblioteca Nacional foi bem recebida socialmente e vista como um evento de grande valor para a pátria, dados sua organização, seu objetivo e os materiais expostos.

Ao todo, a *Exposição* recebeu 7.621 visitantes no decorrer dos dias em que ficou aberta ao público (Brasil, 1882). Ela ficou assim organizada: os itens sobre Geografia foram expostos na Sala Ayres de Casal; os de História Eclesiástica, Parlamentar e Diplomática, na Sala Varnhagen; os documentos sobre História Militar, Natural, Literária e das Artes, na Sala Velloso; e os itens relacionados a Economia e Biografia, na Sala Silva Lisboa (Amadeo; Kury, 2014).

É interessante refletirmos que, para além dos documentos escritos, ao apresentar ao público um vasto acervo iconográfico em “uma das principais instituições de memória do Estado Imperial”, a *Exposição* organizada na Biblioteca Nacional passou uma outra mensagem: esse acervo iconográfico visou, também, construir uma imagem da nação brasileira, ele mostrou ao público que “esse era o Brasil” (Turazzi, 2006, p. 2).

O Catálogo da Exposição de História do Brasil (1882)

A história das bibliotecas e dos catálogos – ou da catalogação – está diretamente imbricada. Desde as primeiras bibliotecas foi necessário criar um instrumento que ao

mesmo tempo descrevesse um acervo, de modo a representá-lo, e auxiliasse a encontrar os itens ali arrolados. Desta forma, um catálogo ordena um pensamento sobre um determinado acervo, organizando-o mais ou menos de em um conjunto homogêneo; como representação de uma coleção, ele é uma forma de publicizá-la (Sordet, 2019). Um catálogo é, assim, um documento que dá sentido a um dado conjunto de itens através da disposição organizada destes; ele apresenta e representa um acervo. No *Catálogo da Exposição de História do Brasil* o sentido que lhe cabe é o pensamento sobre a nação brasileira através de documentos bibliográficos e iconográficos nele relacionados.

O *Catálogo* se divide em 3 tomos, sendo dois volumes e um suplemento. A partir disso ele é estruturado em duas seções: Seção Literária (contendo: Parte I - Preliminares e Parte II - História do Brasil) e a Seção Artística. Depois, ele é pensado em 20 classes: Geografia do Brasil; Estatística; Publicações Periódicas; História Civil; História Administrativa; História Eclesiástica; História Constitucional; História Diplomática; História Militar; História Natural; História Literária e das Artes; História Econômica; Biografia; Numismática; Vistas. Paisagens. Marinhas; História; Tipos. Usos. Trajes; Genealogia. Heráldica; Retratos. Estátuas. Bustos; História Natural³. As 10 classes iniciais se encontram no tomo I e as dez finais no tomo II⁴. No suplemento se encontram, além da relação de outros mais de mil itens, uma tábua de monogramas, índice de autores e índice onomástico de artistas, uma chave de classificação - que é uma espécie de sumário do catálogo - e uma errata.

Por meio dos 19.288 itens arrolados no *Catálogo*, além dos outros 1.049 itens elencados no suplemento, essas classes tentam dar conta de apresentar uma produção bibliográfica e iconográfica sobre a história do Brasil. Ramiz Galvão, no prólogo do *Catálogo*, ressalta, contudo, que há lacunas no trabalho realizado e que houve resistência tanto por parte dos particulares quanto das províncias imperiais (Biblioteca Nacional, 1882).

Logo na classe inicial, Geografia do Brasil, o *Catálogo* já mostra a que veio: há um Brasil a ser conhecido, haja vista seu tamanho quase continental.

³ Aqui podemos compreender o pensamento de Sordet (2019) sobre um catálogo organizar um pensamento em algo que seja mais ou menos homogêneo. No catálogo em questão, vemos como as classes que compõem o material tentam dar um sentido não somente à obra, como também à narrativa. Ou seja, por meio das classes elencadas, supomos que se pretendia descrever uma história brasileira a partir das particularidades de cada categoria, ao mesmo tempo em que elas produzissem algum sentido de unidade da história brasileira.

⁴ As 14 primeiras na Seção Literária: das classes I a IX dentro de I – Preliminares, da classe X a XIV dentro de II - História de Brasil. As classes 6 restantes, da XV a XX, estão na Seção Artística.

Quadro 1 – Resumo do Sumário do *Catálogo* referente à Seção Literária – I Preliminares

Catálogo	
Classes	Divisões
Geografia do Brasil	Do Brasil em Geral Rios do Brasil Costa e portos do Brasil Geografia das Províncias Roteiros Viagens Cartas geográficas, hidrográficas e topográficas
Estatística	
Publicações Periódicas	Anuários e Almanques Gazetas e Periódicos

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *Galvão* (1998)

Pelo título de cada uma das classes e suas divisões podemos perceber que há uma mensagem, que como comentado anteriormente, se trata de uma chamada para conhecer o Brasil, a começar por sua geografia, pelas estatísticas produzidas e pelos periódicos. Em relação à geografia brasileira, notamos como o território e sua descrição tem importância para a formação da nação; é nele que a nação se ergue (Amadeo; Kury, 2014). As estatísticas, por sua vez, mostravam como essa nação que se levantava sobre um imenso território se constituiu⁵. A última classe dessa parte, sobre as publicações periódicas, pode simbolizar uma forma de dizer que a leitura desses materiais formava a opinião pública (Amadeo; Kury 2014).

Quadro 2 – Resumo do Sumário do *Catálogo* referente à Seção Literária – II História do Brasil

Catálogo	
Classes	Divisões
História Civil	Histórias Gerais História do Brasil por Épocas
História Administrativa	Ministérios Conselho de Estado Administração Provincial Câmaras Municipais
História Eclesiástica	A Igreja Brasileira em Geral História das Dioceses História das Missões História das ordens religiosas

⁵ Lembramos que o primeiro censo imperial foi realizado somente em 1872, 50 anos após a Independência.

História Constitucional	Regime Eleitoral Eleições Assembleias Legislativas Legislação
História Diplomática	Obras Gerais Tratados e questões diplomáticas Questões de limites
História Militar	Lutas com os holandeses Lutas com os espanhóis Lutas com a Guiana Francesa Lutas com os Estados Platinos Guerra do Paraguai Cartas Militares
História Natural	Obras Gerais Etnografia e Linguística Zoologia Botânica Mineralogia e Geologia
História Literária e das Artes	Instrução Pública Associações Científicas Associações Literárias Bibliografia Crítica História das Artes
História Econômica	Indústrias e Manufaturas. Exposições Comércio. Finanças. Bancos. Caixas Econômicas Associações e Companhias Estradas. Navegação Telégrafos. Correios Colonização. Civilização dos Índios Estabelecimentos de Beneficência. Irmandades. Maçonaria Penitenciárias Elemento Servil
Biografia	Genealogia e Heráldica Biografias e Documentos Biográficos
Numismática	Obras Gerais Moedas Medalhas

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Galvão (1998)

Já a parte II da Seção Literária, que trata sobre a História do Brasil, mostra justamente o que seu nome sugere: o Brasil tem uma História a ser reconhecida, lembrada e contada. Cada parte dessa história tem suas particularidades, e ainda que deva ser pensada dentro do contexto geral brasileiro, pode ser compreendida de acordo com cada um desses aspectos. Também é interessante pensarmos como cada divisão dessas classes, de certa maneira, elege e delimita o que é importante conhecer. Por exemplo: a História

Eclesiástica aborda o cristianismo (principalmente o católico); a História Militar, por sua vez, elenca contendias e eventos bélicos específicos; e assim por diante, as outras classes também o fazem. Isto é, as classes escolhidas para integrar este catálogo direcionam o leitor para aquilo que foi julgado como relevante na construção da história brasileira. Quando recordamos que a *Exposição* teve aval e apoio do Estado Imperial, as classes que compõem o *Catálogo* ganham uma importância maior, como se elas fossem uma espécie de sanção governamental.

Quando analisamos essas classes, observamos que algumas delas – História Civil, Eclesiástica, Diplomática, Natural e Numismática – possuem divisões gerais e algumas específicas, como se tivéssemos que pensar nelas a partir da generalidade e, então, ponderar as individualidades. Por outro lado, as classes que não apresentam tal aspecto – História Administrativa, Constitucional, Militar, Literária e das Artes, Econômica e Biografia – é como se a generalidade já estivesse abarcada pelas características específicas.

Quadro 3 – Resumo do Sumário do Catálogo referente à Seção Artística

Catálogo	
Classes	Divisões
Vistas. Paisagens. Marinhas	Vistas e Paisagens Marinhas
História	1500-1623 1624-1654 1655-1821 1822-1831 1831-1881 Campanha Oriental e do Paraguai Retratos (de estrangeiros, que se prendem à História do país)
Tipos. Usos. Trajes	Tipos Usos Trajes
Genealogia. Heráldica	
Retratos. Estátuas. Bustos	Reis de Portugal Príncipes titulares do Brasil Família Imperial Ministros de Estado (séries e grupos) Corpo Legislativo (séries e grupos) Séries e grupos vários Retratos avulsos
História Natural	Etnografia Zoologia Botânica Geologia

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Galvão (1998)

Por sua vez, na Seção Artística, notamos que ela “abrange estampas, pinturas, litografias, desenhos e fotos de paisagens, vistas marinhas, costumes e indumentárias”, de modo que “a própria exposição privilegiou os documentos não textuais, como forma de atrair a atenção do público” (Amadeo; Kury, 2014, *online*). A presença de obras de arte e itens que representassem a cultura brasileira nessa exposição indicou, conjecturamos, uma intenção de retratar uma visão sobre a nação. Isto é, ao exibir materiais diversos (como objetos, indumentária, pinturas, etc.) a *Exposição* provavelmente tentou traçar uma imagem do que era o Brasil em termos de paisagens, fauna e flora, cultura.

É interessante como a *Exposição* – e, por consequência, seu *Catálogo* - pensou nas categorizações de Literária e Artística para suas seções, mostrando como a história de uma nação pode ser pensada, ao mesmo tempo, por meio de suas letras e documentos e através de sua produção artística, sem deixar de considerar que obras de arte, os objetos, a indumentária e os costumes do povo são, também, documentos que narram a história brasileira. Desta forma, a *Exposição* foi vitoriosa ao utilizar diferentes materiais como forma de apresentar e narrar a história do Brasil.

É válido salientarmos que antes desse catálogo, os outros produzidos - como o da *Exposição Camoniana*⁶ - foram parciais ou estavam incompletos, de modo que essa foi, também, a primeira vez em que se realizou exaustivo trabalho na Biblioteca Nacional para inventariar suas obras sobre o Brasil (Amadeo; Kury, 2014). Também podemos dizer que “seus objetivos não foram além do estabelecimento de um grande inventário. A novidade foi a ênfase no trabalho infatigável de funcionários ‘patrióticos’ e abnegados” (Amadeo; Kury, 2014, *online*). Ainda que esse evento tenha focado num esforço inventariador – como sugerem Amadeo e Kury (2014) -, de certa forma a *Exposição* tentou abranger diversos aspectos da história da recente nação tropical, o que não havia sido feito até aquele momento.

Pensar na associação entre o *Catálogo da Exposição de História do Brasil* e a questão da Nação significa ponderarmos que ao elencar momentos da história brasileira e alguns de seus personagens, e ao relacionar obras de arte, objetos e determinados costumes, ele se tornou um instrumento político porquanto apresentou uma determinada

⁶ Exposição realizada na Biblioteca Nacional em 1880 por ocasião do tricentenário de falecimento do escritor português Luís de Camões (c.1524 – 1580).

visão a respeito dessa Nação. A escravidão, por exemplo, é abordada sob o tímido título de “Elemento servil”, dentro da classe de História Econômica (Amadeo; Kury, 2014). Isso nos mostra uma nação que tem ciência de suas ações, ao mesmo tempo em que prefere não elaborar muito sobre o assunto. Isto é, nesse caso em específico, a Nação brasileira se colocou de modo a atenuar a escravidão – e sua marca – em sua própria história; ao escolher não dar destaque a tal questão tanto a *Exposição* quanto o *Catálogo* deixaram uma mensagem: esse é um evento menor em nossa história, há outros que merecem maior visibilidade.

No *Catálogo*, a nação brasileira é pensada a partir de elementos próprios de sua cultura, história, geografia e arte, sem deixar de mencionar os vínculos com a antiga metrópole – quando necessário. Tanto na *Exposição* como no catálogo que se produziu a partir dela, isso se refletiu naquilo que foi exibido: materiais bibliográficos diversos sobre história e geografia do Brasil e das províncias, obras de artes sobre o Brasil, objetos variados que contavam sobre a história do país, etc. A nação brasileira foi ponderada principalmente através de suas características singulares.

Por outro lado, também podemos dizer que tanto a *Exposição* assim como seu *Catálogo* evocaram, de certo modo, uma nacionalidade brasileira. Por meio dos materiais bibliográficos e iconográficos expostos, tentou-se construir uma nacionalidade através de um passado que foi transformado em mito. Isto é, ao eleger episódios da história brasileira, assim como personagens específicos, tentou-se apresentar elementos definidores e comuns ao povo brasileiro (Silva; Silva, 2009). A nacionalidade brasileira foi pensada a partir de uma afirmação da nação, um posicionamento de sua existência.

Considerações Finais

Um documento fala do tempo em que foi produzido. Quando exposto, ele integra uma política de memória, de modo que ao fazer parte de um determinado acervo, ele passa a ser importante para uma dada memória ou história; de forma semelhante, quando ele figura em um acervo, significa que há interesse na preservação do que ele representa. Ao exibir documentos diversos sobre o Brasil, a *Exposição* reconheceu a importância desses materiais na construção da narrativa de uma história brasileira e na evocação de um passado nacional.

À vista disso, é possível analisarmos o *Catálogo da Exposição de História do Brasil* como um documento/monumento⁷. Como *documento* ele registrou uma produção bibliográfica e iconográfica sobre o Brasil até aquele momento (década de 1880) – pensá-lo como documento também implica em perceber que há uma intenção em sua produção. Já como *monumento*, as obras nele arroladas funcionam como uma recordação/evocação do passado brasileiro; por outro lado, o *Catálogo* circunscreveu aquilo que deveria ser considerado ao pensarmos na história brasileira (seus eventos e personagens, suas obras artísticas, seus costumes, seu território, etc.).

Conjecturamos que a intenção maior da *Exposição* fosse não somente mostrar o que se havia produzido sobre o Brasil, mas indicar que esse país possuía uma História e que havia produção intelectual a seu respeito – tanto bibliográfica quanto iconográfica. Era, também, construir uma imagem da nação de modo que fossem elegidos episódios e heróis nacionais como forma de unificação dessa nação (construção de um passado comum), sobretudo ao lembrarmos que tal evento contou com apoio do Império brasileiro. Podemos ainda ponderar que, em se tratando do contexto romântico da época, tratava-se também de uma forma de delimitar os contornos da nação brasileira em oposição à antiga metrópole – muito embora alguns itens exibidos remetessem a Portugal.

Consideramos ainda que executar um evento como a *Exposição de História do Brasil* em um contexto onde as discussões sobre o que era o Brasil aconteciam a todo vapor, era uma forma de alimentar as reflexões sobre a nação brasileira. Produzir um catálogo sobre tal exposição foi uma maneira de apontar a partir de que perspectivas essa reflexão foi feita – isto é, que autores e obras foram utilizados durante o processo.

A análise sobre catálogos nos leva a pensar que é por meio desses documentos que temos conhecimento sobre acervos de outrora. Ponderar sobre o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, porém, é estarmos cientes que não só ele fala do acervo da Biblioteca Nacional e das outras instituições, províncias e particulares participantes do evento; para além disso, esse catálogo buscou demonstrar uma visão de nação. Como instrumento político, ele mostrou que o Brasil tinha uma História, um passado que precisava ser lembrado – e que partes desse passado deveriam ser lembradas.

Portanto, podemos dizer que como *documento/monumento* o *Catálogo da Exposição de História do Brasil* discursou sobre que história da nação brasileira deveria ser contada e como ela poderia ser lembrada. Como tal, ele foi uma importante ferramenta

⁷ Ver LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

não somente para analisar os itens nele relacionados, assim como para avaliar que mensagem sobre a nação brasileira constava nele e a quem ela atingiria.

Fontes Primárias

A CIDADE e os theatros. *A Estação*. Rio de Janeiro, ano 10, n. 23, 15 de dezembro de 1881, p. 4. A cidade e os theatros. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709824>. Acesso em 06 jan. 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL - Catalogo da exposição de historia do Brasil realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1881, constante no acervo de manuscritos da Biblioteca Nacional. 3 documentos. Biblioteca Nacional, seção de Manuscritos, localização: salão.

BRASIL. MINISTÉRIO DO IMPÉRIO. *Relatório do anno de 1881 apresentado a Assembleia Legislativa na 2ª sessão da 18ª legislatura*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1881_00001.pdf. Acesso em 02 dez. 2022.

CHRONICA Fluminense. *O Globo Illustrado*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 18 de dezembro de 1881, p. 6. Chronica Fluminense. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=343242>. Acesso em 05 jan. 2023.

CHRONICAS FLUMINENSES. *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 277, 10 de dezembro de 1881, p. 2. Chronicas Fluminenses. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=332747>. Acesso em 6 jan. 2023.

EXPOSIÇÃO de História do Brazil. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 335, p. 1, 3 de dezembro de 1881. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02. Acesso em: 07 jan. 2023.

Referências Bibliográficas

AMADEO, Maria Eliza; KURY, Lorelai. *O catálogo da Exposição de História do Brasil (1881)*. (Site). [S.l.], 2014. Publicado em: 29, jun. 2014. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-catalogo-de-exposicao-de-historia-do-brasil-1881/>. Acesso em 06 jan. 2023.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BARROS, Roque Spencer Maciel. A ilustração brasileira. In: BARROS, Roque Spencer Maciel. *A ilustração brasileira e a ideia de universalidade*. São Paulo: EdUSP, 1986.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1893.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11. ed. Brasília: Editora UnB, 1998.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. A historiografia brasileira oitocentista a partir de outro ponto de observação: Ramiz Galvão e a edificação da Biblioteca Nacional. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, RN: Associação Nacional de História, 2013. Natal, RN: Associação Nacional de História, 2013, p. 1-15.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Ramiz Galvão e a ideia de biblioteca como vitrine da nação: modelos europeus e trocas culturais no processo de modernização da Biblioteca Nacional. *Revista História*, São Paulo, Assis, v. 36, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/QkNtJdwTw4Y4PKyQYFtbN9j/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 dez. 2022.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Viver em meio a livros: a atuação de Ramiz Galvão na Biblioteca Imperial (1870-1882). *Anais do XIV Encontro regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro, RJ: Associação Nacional de História-Rio de Janeiro, 2010. Rio de Janeiro, RJ: Associação Nacional de História-Rio de Janeiro, 2010, p. 1-9. http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276562146_ARQUIVO_ANPUH2010-Viveremmeioalivros.pdf. Acesso em: 03 dez. 2022.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio; MACEDO, Adriana Mattos Clen. Ramiz Galvão, historiador e bibliotecário: práticas e lugares da produção historiográfica no Brasil de fins do século XIX e início do século XX. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 9, n. 22, 2017. Disponível em: <https://historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1123>. Acesso em: 3 dez. 2022.

CANDIDO, Antônio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. Revisitando os mitos românticos da nacionalidade. *Alceu*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, jul. a dez. 2000. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n1_Vera.pdf. Acesso em 04 dez. 2022.

GALVÃO, Ramiz (org.). *Catálogo da Exposição de História do Brasil*. Edição fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1998. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/191793>. Acesso em 13 jan. 2023.

GUINSBURG, Jacob. Romantismo, historicismo e história. In: GUINSBURG, Jacob (org.). *O Romantismo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 13-22.

HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 6. ed. rev. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. A geração de 1870 e a invenção simbólica do Brasil. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, RN: Associação Nacional de História, 2013. Natal, RN: Associação Nacional de História, 2013, p. 1-18.
[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682113_ARQUIVO_AGeracao de1870eainvencaosimbolicadoBrasil.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682113_ARQUIVO_AGeracao%20de1870eainvencaosimbolicadoBrasil.pdf). Acesso em 05 dez. 2022.

252

RICUPERO, Bernardo. A independência literária. In: RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. *O moderno e a modernidade: demarcações conceituais*. 2022. Notas de aula.

ROUANET, Maria Helena. Nacionalismo. In: José Luís Jobim (org.). *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro, Ed. Universidade / UERJ, 1999, p. 9-63.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SORDET, Yann. *Da argila à nuvem: uma história dos catálogos de livros (II milênio – século XXI)*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

TURAZZI, Maria Inez. A exposição de História do Brasil de 1881 e a construção do patrimônio iconográfico. *Anais do XII Encontro Regional de História: Usos do passado*. Rio de Janeiro, RJ, Associação Nacional de História-Rio de Janeiro, 2006. Rio de Janeiro, RJ: Associação Nacional de História-Rio de Janeiro, 2006, p. 1-10. Disponível em:
<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Maria%20Inez%20Turazzi.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2022.